

Entre opostos: o jornalismo como agente da democracia em uma sociedade polarizada¹

Raísa Sthefany Araújo de Souza²

Sofia Carla Assunção da Silva³

Gabriel Nogueira Linhares Marquim⁴

Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau

Resumo

Nos últimos anos o mundo enfrenta uma intensa onda de polarização ideológica. Este artigo, que decorre de referências bibliográficas, analisa como o jornalismo pode atuar como um agente democrático em um cenário de fragmentação discursiva, contribuindo para a preservação dos valores da cidadania e democracia. Citando autores como Habermas, Berger & Luckmann e Baumann investiga-se a relação entre a construção da realidade e o papel das mídias. Conclui-se que, a solidificação de um jornalismo que abre mão da lógica identitária se faz necessário para recuperar a democracia na cidadania de uma sociedade divergente.

Palavra-chave: Polarização; Jornalismo; Democracia.

Introdução

No atual contexto da sociedade, marcada pelo pluralismo social e cultural (BERGER; LUCKMANN, 2012), os meios de comunicação assumem um papel estratégico na construção e manutenção da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2009). Rádios, jornais, programas de televisão e, principalmente, as redes sociais são utilizados nas internalizações que mantêm poder simbólico (BOURDIEU, 2022). Na última década, esses meios têm chamado atenção para uma palavra, que resume o cenário político, ideológico e sociológico que o mundo vive: polarização (HABERMAS, 2023).

Com o avanço tecnológico, o formato de comunicação mudou drasticamente, se comparado com seus primórdios, onde eram necessários um emissor e um receptor para que algo fosse comunicado. Hoje, é possível que uma mensagem seja cruzada por mais

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho é um desdobramento de Projeto de Iniciação Científica aprovado e custeado pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau - Recife.

² Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau - Recife, e-mail: raisasthefany@outlook.com

³ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Jornalismo Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau - Recife, e-mail: sofiacassuncaos@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau - Recife, e-mail: gmarquim@gmail.com

de um emissor, com diversos receptores, que interagem reciprocamente, de forma interconectada. Ou seja, é possível que diversas pessoas, ao redor do mundo, possam participar da mesma conversa, de forma virtual. Essa comunicação, que acontece no ciberespaço (LÉVY, 2010), é capaz de ultrapassar as barreiras do virtual e se estender aos modos de pensar e agir como sociedade.

Quando os meios de comunicação, que possuem grande importância na estruturação da sociedade, por meio da realidade construída socialmente, passam a ser descentralizados e abrangem grande parte da população, é possível observar ambivalências (BAUMAN, 1999), que sempre fizeram parte da sociedade, mas que se tornam movimentos polarizados.

A polarização é, antes de tudo, o embate de ideias, em lados opostos, que se repelem e não conseguem dialogar entre si (BOSCO, 2022). Nesse modelo limitado - e limitante - de comunicação, polos com ideais divergentes não são capazes de encontrar uma mediação para a resolução de seus problemas. Além disso, o outro é sempre visto como um inimigo que, a todo momento, pretende se impor e impor seus ideais.

Na atualidade, essa expulsão do outro - que pretende discordar - do debate público é reforçada por uma lógica que classifica e divide as diferenças sem possibilidade de intercâmbios, divisão que é apoiada e reforçada por uma comunicação que dificulta - quando não impede - o vínculo entre as partes, em um permanente estado de alerta e vigilância.

A polarização, no contexto atual, também possui um caráter afetivo. Isso ocorre porque os indivíduos passam a se relacionar com seus ideais de forma devota, impedindo debates sobre o assunto e fazendo com que idéias contrárias sejam tidas como um ataque pessoal.

Segundo Bosco (2022), essa situação torna a relação com o outro, que possui princípios distintos, seja baseada no ódio, enquanto há uma sensação de pertencimento ao se relacionar com grupos e indivíduos que possuem os mesmos ideais.

O jornalismo está com a difícil missão de cumprir o seu papel de contribuir como agente da esfera pública para a construção de uma democracia deliberativa (HABERMAS, 2014) em um cenário onde todos desconfiam de todos e onde estão à mercê de serem manipulados. A esfera pública, assim, está cada vez mais polarizada

(HABERMAS, 2023), correndo o risco de estagnar a sociedade, pois, sem o atrito de ideias com vistas ao consenso, as mesmas não se desenvolvem nem evoluem.

Este artigo, portanto, pretende, a partir de uma revisão bibliográfica entre os autores acima apresentados, discutir, em primeiro lugar, o surgimento da polarização, bem como os seus sintomas atuais; além disso, retomar a noção do jornalismo como mediador entre as oposições presentes na sociedade para a construção de uma esfera pública que atue para a consolidação de uma democracia deliberativa. Assim, cremos poder contribuir para o debate de um tema profundamente atual e urgente na conjuntura presente.

Ordem, desordem e democracia

A linguagem é a primeira grande invenção do homem, um gênero onde tecnologia da comunicação é espécie, ela foi a precursora do espírito de troca da humanidade, algo que antes só existia no imaginário individual, pode ser compartilhado por meio da comunicação entre um emissor e um receptor (BERGER; LUCKMANN, 2009).

Essa valiosa ferramenta permitiu a troca de informações, inicialmente baseadas apenas em impressões e sentimentos. Ainda que sem método, essas trocas deram origem a hábitos e instituições que confirmaram essas ideias e naturalmente internalizasse dentro da mente de outros indivíduos. Poder nomear seus sentimentos e pensamentos foi o primeiro contato do ser humano com a ordem, e a sensação de poder sobre seu ambiente ou pelo menos da realidade que ele experimenta trouxe um senso de calma num mundo incerto.

A evolução e logo aumento da complexidade da comunicação e outras tecnologias vão mudar a forma de agir da sociedade que as domina, essas inovações, porém, tem um preço: novas formas de realizar algo entram em confronto com as ideias anteriores gerando uma crise de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2012), uma sociedade com uma pluralidade de sentidos, quer dizer vários jeitos de interpretar a realidade e inúmeras maneiras de agir, e fazer escolhas não é uma habilidade que o ser humano evolui para ter maestria.

Com a modernidade, as novas invenções e o comércio entre diferentes povos de diversas culturas, a manutenção de um monopólio de sentidos e valores se tornou bem mais difícil para o homem moderno. As instituições, como a religião vão fortalecer os seus muros como defesa das transformações do mundo moderno, voltar pro começo onde não pode se nomear ou categorizar algo, é a perda da soberania do ser humano a sua realidade (BAUMAN, 1999), um retrocesso para a modernidade, contradizendo seu objetivo de sempre marchar adiante.

Por cada qual em seu lugar é uma característica da modernidade, o objetivo dela é eliminar as ambivalências, fortalecendo assim suas ideologias. O genocídio é um produto dessa estrutura (BAUMAN, 1999), a tragédia do Holocausto teve suas raízes infundadas na tentativa de eliminar o que é ambíguo. Neste sentido, toda ideia terá uma ideia contrária a ela, retornando ao exemplo do Holocausto, os Direitos Humanos surgiram como um antagonista da desumanidade feita por ele, ela resgatou os princípios do iluminismo, que defendia a circulação de ideias para o exercício da cidadania e consequentemente da Democracia.

Na democracia, teoricamente o povo tem seus interesses e individualidades respeitados porém a democracia não resolve a polarização, porque não é um problema a ser resolvido, citando Bauman (1999): “A existência moderna força sua cultura à oposição a si mesma. Essa desarmonia é precisamente a harmonia que a humanidade precisa”. Sendo assim a luta contra a polarização se faz desnecessária e até prejudicial, pois somente com o atrito de ideias que pode se construir algo novo.

Evoluções tecnológicas, bolhas sociais e capitalismo

Antes da invenção da imprensa, o compartilhamento de pensamentos críticos era restrito apenas às pessoas com acesso à educação e a propriedade privada (HABERMAS, 2014), mas depois, com os veículos de massa se fixou uma demarcação definida dos papéis de atuação, os jornalistas eram os emissores, o meio era o jornal impresso e o receptor seria quem lia o jornal, isso não permitia que outras vozes de diferentes origens fossem ouvidas.

Com a complexidade de sistemas econômicos, especificamente o capitalismo, o cujo a acumulação de poder de capital é o principal o objetivo, o mesmo acontece na

área linguística. Isso porque as competências que concentram maior acúmulo dos instrumentos de produção são capazes de influenciar ou até manipular as interações de linguística da sua realidade (BOURDIEU, 2022), assim o jornalista selecionava fontes e narrativas e assim estruturava as relações do poder simbólico de uma sociedade.

Contudo essa dinâmica começa a mudar com as novas tecnologias digitais, os que antes apenas recebiam agora podem ser ao mesmo tempo produtores, emissores e receptores, o canal também é uma parte que se transforma, o hipertexto, um texto digital, permite a conexão de várias informações por meio de links e pode incluir nele outros tipos de comunicação visual como vídeos e infográficos interativos e assim se cria uma inteligência coletiva (LÉVY, 2010).

Mesmo com a possibilidade de todos contribuírem, o excesso de informação e a pluralidade de sentidos atingem níveis inéditos, o excesso de informações e cada mensagem publicada possuem um número indeterminado de receptores, que podem atribuir diferentes significados a um mesmo signo.

Atualmente, as pessoas possuem maior acesso a diferentes tipos de informações, através das redes sociais e dos inúmeros portais de notícias e devido a esta ascensão, qualquer pessoa conectada pode alimentar esta grande rede de trocas de dados que é a internet e, conseqüentemente, não há garantia do valor e da veracidade das tantas informações disponíveis online, transformando a experiência virtual em “um sistema de desordem”. (LÉVY, 2010).

Assim surge novamente o espírito ordenador do ser humano, separando o “eles” de “nós”, onde no “nós” as ideias circulam mais facilmente, pois não há atrito entre as informações compartilhadas e assim se formam novas instituições (BERGER; LUCKMANN, 2009). Elas agora aparecem com um novo nome, bolhas sociais.

Nestas bolhas, conceitos não são filtrados e correm livremente mesmo que eles não estejam de acordo com a realidade, pois são repetidos e reforçados e assim se consolidam como uma verdade.

Essa afirmação de crenças favorece o sistema econômico, que pode criar um produto personalizado para o indivíduo, e ele vai consumir esse produto porque simpatiza com ele e se vê representado por ele (HABERMAS, 2014). O problema começa quando a simpatia por seus iguais é tanta, que o limite entre eles desaparece,

eles mesmos se classificam em uma lógica identitária (BOSCO, 2022) e toda crítica a sua linha de pensamento se torna uma crítica sobre ele mesmo.

Um projeto de jornalismo universal

O jornalismo como qualquer outra atividade econômica inserida no capitalismo, necessita de capital para se manter, ele precisa que de pessoas dispostas a consumirem o seu produto que oferece. Com ajuda do Big Data, pode-se criar um prognóstico do comportamento do humano e produzir algo que será feito exclusivo para grupos específicos (HAN, 2022) garantindo sua aceitação. Contudo, essa lógica reduz a humanidade a um objetivo quantificado, que pode ser categorizado e passível de consumo.

Esse fenômeno contribui na formação de grupos fechados, onde as mensagens são moldadas de acordo com as identificações dos seus membros. Voltamos assim, com a narrativa de que a polarização não é algo ruim, entretanto, a falta de diálogo entre as partes, é. No momento em que elas se isolam é quando a democracia corre perigo. Comunidades baseadas apenas na decisão narcisista de identificação excluem o outro, e um mundo onde o outro não existe é um mundo vazio onde nada novo se constroi (HAN,2021).

Defender a democracia é dever de todos os participantes de uma sociedade, contudo, não é exagero que o jornalismo tem um papel especial na defesa da democracia, seguindo a proposta de Bosco (2022), uma nova forma de fazer jornalismo se torna necessária em tempos polarizados, um Jornalismo que não tenha teor partidário e seja baseado na diversidade de perspectivas e não baseado no lucro.

A ideia de um jornalismo universal que possa ser uma ponte para os lados polarizados necessita de que o jornalista seja um mediador e ofereça perspectivas diversas e para isso ele abra mão de um caráter identitário e atuar sem o objetivo de capital (BOSCO,2022), esse conceito se baseia na corresponsabilidade da sociedade diante dos problemas sociais da sua comunidade como um todo. O jornalista, que tem o objeto de seus estudos é a divulgação da verdade objetiva, é o candidato certo para este papel.

Considerações finais

A divergência é necessária para uma sociedade democrática (HAN, 2021), afinal, as oposições são o pressuposto de um sistema que se pretenda livre; porém, para que a sua existência não cause um atrito imobilizante e violento, a democracia deverá ser baseada em respeito mútuo à liberdade de expressão, e o jornalismo é um agente fundamental nesta dinâmica, pois em sua essência está em cumprir esse direito. Os jornalistas, nesse sentido, dão uma contribuição essencial para que a sociedade possa dialogar, através de um ambiente que favoreça o intercâmbio de opiniões divergentes com vista ao consenso.

É através do compartilhamento de informações distintas tendo como fim a verdade que os membros de uma sociedade podem assumir seu papel na construção de uma sociedade mais democrática, de forma crítica e consciente, ampliando seu olhar sobre o outro e se abrindo ao diálogo que se faz necessário para solução dos problemas em comum. Afinal, segundo o modelo de democracia deliberativa de Habermas, a opinião pública deve favorecer espaços nos quais os cidadãos possam livremente debater e encontrar caminhos alternativos para os seus problemas, tendo em vista o bem comum.

Nesse sentido, se a desinformação e os filtros de bolha colocam em risco o direito à informação ou ameaçam o exercício da democracia plena, o jornalismo que deve exercer o papel de mediação, capaz de fornecer informações de interesse público verídicas, através da apuração de fatos e do compromisso com a verdade, um papel importante na preservação de um estado democrático de direito. Dessa forma, é possível ampliar o debate público, enfrentando as barreiras da desinformação e facilitando a construção de uma realidade social de consenso, alternativa fundamental nestes tempos profundamente tensos e polarizados. O jornalismo, assim, cumpre hoje um papel insubstituível e igualmente inadiável. Para a democracia, sem dúvida, o que se desdobra para todos os âmbitos da sociedade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BERGER, Peter L. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 31. ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Trad. Edgar Orth. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOSCO, Francisco. **O diálogo possível**: Por uma reconstrução do debate público brasileiro. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**: O que Falar Quer Dizer. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**. Tradução de Lucas Matos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. Trad. Denilson Luís Werle. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa**. Trad. Denilson Luís Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.